

pg 15
8/3/98
Karangrê / Xikrins do
112

Índios aprendem a negociar madeira das reservas

Com apoio do Governo e de uma ONG ambiental, tribo fecha transação que inclui até benefícios sociais

• PARAUPEBAS (PA). Guerreiros xikrins do parque ecológico da Serra de Carajás, no Pará, começam a ser treinados este mês pelo Instituto Sócio-Ambiental (ISA), uma ONG paulista, para fiscalizar a derrubada seletiva de madeira em sua reserva. O contrato assinado entre os índios, a Vale do Rio Doce e a ONG prevê a extração de 15 espécies de madeira de lei em 439 mil hectares, de um total de um milhão de hectares da reserva. Os índios serão indenizados pela extração e receberão benefícios sociais como casas de alvenaria, obras sanitárias, insumos e treinamento para atividades produtivas.

Pressionados de um lado e cooptados por outro, os índios estão capitulando diante do assédio do homem branco e cada vez mais estão participando diretamente do comércio de madeira. Em documento enviado à comissão externa da Câmara dos Deputados que investigou as madeiras, a Funai admitiu que pelo menos 60 diferentes terras indígenas, a maioria delas na Amazônia, vêm sofrendo o assédio persistente de empresas madeireiras.

Reserva é rica em mogno e outras 15 espécies de madeira

Santuário ecológico praticamente intocado da região de Parauapebas, no Sudeste do Pará, a reserva dos xikrins do cateté é uma das áreas atacadas. Já vinha sofrendo a ação de saqueadores da floresta, rica em mogno e com pelo menos 15 outras espécies de madeira de alto valor.

Os próprios índios, capitaneados pelo cacique Karangrê, estavam abertos à negociação com as madeiras. O Governo resolveu cancelar o empreendimento para que a extração obedeça a critérios rigorosos de manejo. O contrato foi assinado em fevereiro, em Brasília, na sede do Ibama. O Banco Mundial aprovou uma verba de US\$ 1,2 milhão para treinamento e ca-



O CACIQUE KARANGRÊ, dos xikrins: responsável por contrato que permitirá o desmatamento de 439 mil hectares

pacitação profissional de índios e brancos envolvidos com a extração, contra a garantia de que serão adotados procedimentos com a qualidade ISO 14.000.

A Amazônia brasileira acomoda 150 nações indígenas, com 170 mil índios reconhecidos pela Funai, que falam 45 línguas diferentes. A maior parte — 120 grupos — está concentrada num cinturão de 500 mil quilômetros quadrados que compreende o Norte do Mato Grosso, todo o Estado de Rondônia e o Leste e o Sul do Pará. Região de grande interesse madeireiro, essas reservas estão sendo sistematicamente invadidas por posseiros, colonos e ladrões de madeira, com a agravante de que as áreas não podem ser fiscalizadas pelo Ibama.

Na fronteira do Pará com Mato Grosso, os índios panarás chega-

'Vai dar certo. A venda de madeira, feita sob controle e organizada, é boa para o Brasil e para os índios.'

KARANGRÊ
Cacique dos xikrins

ram a montar barricadas para impedir a fiscalização do Ibama durante a mega-operação Macauã, realizada ano passado em nove estados da Amazônia Legal. Para retirar madeira da área, os madeireiros tinham aberto uma estrada paralela à BR-163 (Cuiabá-Santarém). Impedidos pelos índios de entrar por essa estrada, os fiscais

do Ibama tiveram de descer até a tribo num helicóptero da Força Aérea Brasileira (FAB). Sem autorização da Funai para a ação na reserva, foram retidos por índios hostis e armados. Só conseguiram sair depois que contaram aos índios que o mogno, vendido aos madeireiros por R\$ 30 o metro cúbico, chegava a valer R\$ 800 no mercado.

Levantamentos feitos pela comissão externa da Câmara dos Deputados que investigou as madeiras mostram que os índios, quando pagos, recebem apenas 4% do valor real da madeira retirada de suas reservas. O presidente da comissão, deputado Gilney Vianna (PT-MT), reclama da incapacidade da Funai de fiscalizar a atividade predatória nas terras indígenas e da inexistência de alternativas de manejo sustentá-

vel nas áreas mais cobiçadas.

— Abandonadas, as comunidades indígenas estão entregues à sanha dos madeireiros. E o problema tende a se agravar com a chegada das madeiras asiáticas — lamenta.

Especializado em temas indígenas, o ISA calcula que mais de 10% da população indígena da Amazônia já estejam engajados no batalhão de "cupins da floresta". Karangrê, que usa tatuagens de funkeiro nos braços — uma cobra no direito e uma águia no esquerdo — relógio digital e óculos de grau, não vê perigo no desmatamento e acredita sinceramente que a venda de madeira da reserva vai melhorar a qualidade de vida do seu povo.

— Vai dar certo. A venda de madeira, feita sob controle e organizada, é boa para o Brasil e para os índios — afirma.

Índios fracassaram como criadores de gado

A aldeia dos xikrins do cateté tem 610 índios. Os homens cultivam até hoje o estranho hábito de trocar a mulher por uma mais nova até o quarto filho. Karangrê está casado agora com uma de 15 anos. Dissidência dos caiapós, eles falam a mesma língua: jê.

As tentativas de incorporação dos xikrins ao setor produtivo remontam a dez anos, quando a Funai bancou uma fazenda de gado pioneira na reserva. Comprou os bois, o arame e os insumos, pagou a mão-de-obra e contratou peões. Indiferentes ao modo branco de produção, os índios descuidaram-se da produtividade, mas não hesitavam em matar um boi gordo por semana para consumo próprio e começaram a vender o rebanho sem planejamento. A fazenda faliu e a Funai demitiu os peões. ■

• AMANHÃ: Como a extração de madeira ajuda a propagar as queimadas